

O fantoche de duas cabeças a que o Zimbabwe cortou uma

por Miguéis Lopes Júnior

A «Resistência Nacional de Moçambique», («MNR»), foi criada pelo Chefe de Estado-Maior do Exército da África do Sul, general Magnus Mallan e seu aparelho de espionagem militar em colaboração com os serviços secretos rodesianos. Esta uma das revelações feitas pelo antigo agente secreto sul-africano Gordon Winter no livro da sua autoria intitulado «Inside BOSS» («A BOSS por dentro»). Publicada em fins do ano passado em Londres pela «Penguin», a obra refere-se abundantemente aos meandros da espionagem civil e militar do regime de Pretória. Na parte referente às acções de sabotagem e desestabilização cometidas pelo regime do «apartheid» contra Moçambique, Winter fornece elementos que permitem traçar a forma como as duas «cabeças» do «MNR» — África do Sul e Rodésia — se foram progressivamente tomando numa só, com a independência do Zimbabwe e a subida ao poder do actual regime sul-africano que hoje assume o fantoche «MNR» de corpo inteiro.

No capítulo 40 do «Inside Boss», relativo a «Segredos da Espionagem Militar», Winter alega saber «tudo acerca daquele movimento, porque eu era o seu propagandista número um».

O antigo agente secreto sul-africano escreve ainda que «quando eu comeci a glorificar os seus (do «M.N.R.») feitos, em Julho de 1977 ele existia apenas em nome».

Informações já conhecidas recuam bastante a data do início da actividade e dão mais realce ao papel desempenhado pelo regime de Smith no «parto» daquele grupo de subversão e sabotagem.

Um alto funcionário do «Special Branch» rodesiano — a polícia secreta do regime de Salsbúria até à sua derrocada — garantiu mesmo, há dois anos, que o «MNR» era no seu início da «total responsabilidade» deste departamento da Espionagem rodesiana.

Em princípios de 1976 — segundo a mesma fonte — o recrudescer no Zimbabwe da luta armada dirigida pela ZANU — reabertura da Frente Nordeste (a partir de Tete) e a abertura das frentes de Manica e Gaza — teria accionado a orquestração da «resistência» por parte do regime de Smith.

CERTOS CÍRCULOS DA RAS

A três de Março desse mesmo ano estaria já constituído o primeiro grupo do «MNR» que incluía negros recrutados no exército dos colonos rodesianos e mercenários.

Outras revelações feitas por ex-agentes secretos de Smith ressaltavam no entanto que, mesmo no início da sua criação, o «MNR» contaria com o apoio de «certos círculos governamentais sul-africanos».

A leitura do livro de Gordon Winter permite estabelecer mais concretamente tais «círculos» como sendo liderados na altura, (1976) pelo actual Primeiro-Ministro da RAS Piter Botha, (então Ministro da Defesa), e por Magnus Mallan, na altura Chefe de Estado-Maior do Exército e actualmente Ministro da Defesa.

Encabeçando a linha «dura» do Partido Nacional eles opunham-se frontalmente à política de «detente» e «diálogo» de Vorster. Apelavam ao «nacionalismo» «boer» puro e duro e criticavam a submissão cega de Vorster e da BOSS aos ditames dos Estados Unidos.

Manobrando habilmente, Botha viria a lançar Vorster na desgraça e a subir ao poder em 1978. Para isso serve-se da «Espionagem Militar (MI) sul-africana, autêntica polícia secreta pa-

ratela à BOSS e que o correligionário de Botha, Mallan, vai entretanto consolidando.

Assim, tudo indica que desde 1975 os «certos círculos» sul-africanos envolvidos na criação do «MNR» não fossem outros que não os correspondentes aos da «linha» Botha/Mallan.

O «cérebro» rodesiano do fantoche «MNR» teria sido suplantado e substituído pelo «cérebro» sul-africano à medida que Botha e o MI foram reforçando o seu poder para acabarem por garantir a liderança do executivo do «apartheid» em 1978. Simultaneamente, dá-se a independência do Zimbabwe, facto que obriga Pretória a assumir integralmente o comando das operações dos bandos armados do «MNR».

UM QUADRO QUE SE COMPLETA

Declarações prestadas por alguns bandidos recrutados para a organização sul-africana e presos em operações das Forças Armadas de Moçambique confirmam esta versão.

Pietro Perino, um desses bandidos, declararia que o apoio logístico aos bandos infiltrados em Moçambique vinha de helicóptero da Rodésia, antes da independência da colónia. «Depois — afirma — passou a vir da África do Sul em aviões Dakota, e era lançada de pára-quadras.



P. W. Botha e John Vorster: luta pelo poder que terminaria com a vitória do primeiro e com o regime da RAS a comandar e a controlar o fantoche «MNR» de corpo inteiro...

Um outro agente do «MNR», capturado em 1978, José Martins Gilberto, que tinha sido operador de rádio do bando na base de Sibatonga, na Gorongosa revelaria que os seus contactos via rádio se efectuavam «a princípio com a Rodésia, mas para o fim passaram a ser feitos através da África do Sul».

Na base de Garáguá, capturada a 7 de Novembro do ano passado, na operação «Punição» das FPLM, foi encontrada abundante documentação que liga directamente e sem sombra de dúvidas o «MNR» à RAS.

Um relatório, encontrado na base, por exemplo, referia conversações mantidas entre o «MNR» e o coronel Van Nikert da «MI» sul-africana em Zóabostad a 25 de Outubro de 1980. Nela seriam dados a conhecer os planos de sabotagem traçados por Pretória para o «MNR» executar em 1981 no interior de Moçambique.

Finalmente há ainda as onze violações do espaço aéreo de RPM por parte de aviões da RAS, no período compreendido entre 1 de Dezembro e 8 de Janeiro deste ano. Conforme na altura revelaram fontes militares moçambicanas a maior parte dos voos em causa destinavam-se a abastecer grupos de agentes do «MNR» e mercenários no interior de Moçambique.

No seu livro, Gordon Winter afirma que muitos actos de sabotagem no interior de Moçambique foram na realidade efectuados pelo «Comando de Reconhecimento», do Exército da África do Sul.

Esta unidade de choque é formada por comandos com treino especializado e teria sido constituída em Agosto de 1975.

O ex-agente secreto sul-africano refere ainda noutro passo que depois da independência do Zimbabwe o «MNR» «alargou as suas actividades de sabotagem e desestabilização também àquele país».

Descrevendo diversos momentos da sua carreira de «propagandista do «MNR» através de artigos publicados em jornais e revistas, para dar credibilidade aos fantoches, Winter passa depois a escarpelizar toda a rede de agentes internos do «MNR». A este aspecto nos referiremos no próximo artigo desta série.